

Boletim de Estudos Clássicos

Associação Portuguesa de Estudos Clássicos
Instituto de Estudos Clássicos



Coimbra
Junho de 2009

OS LAÇOS DE FAMÍLIA EM PLUTARCO: DE AMORE PROLIS (496 C-E) – O AMOR MATERNO (II)

Continuando a apresentar argumentos em defesa da tese de que o afecto dos progenitores, em particular o da mãe, é um sentimento decorrente da *natureza (physis)* humana e não o resultado da imposição de uma *norma (nomos)* social, Plutarco evoca o comportamento das primitivas parturientes ao verem os seus recém-nascidos. Ou seja, depois de atestar com razões de ordem física (da mãe e do bebé) a força natural e suprema do amor materno, trecho por mim considerado no vol. 48 desta revista (pp. 37-41), o autor abona a sua opinião com a autoridade dos Antigos (οἱ παλαιοί).

Momento particularmente sofrido para a mãe, o parto permite-lhe revelar a grandeza de um amor incondicional. Apesar do perigo de vida que corre e das dores lancinantes que a abalam, provocadas pelo acto de trazer ao mundo o ser que carrega no ventre, a mãe de antanho (tal como a de hoje – o paralelo está implícito!) assume gestos inequívocos do afecto que nutre pelo filho. Sorrir, agarrar e beijar o bebé que tantas dores lhe causou para nascer são disso mesmo prova. É caso para dizer que as parturientes conhecem bem o doce amargo do amor. Parir em dor foi, até à recente descoberta da anestesia epidural, condição natural da maternidade. E, quer então quer ao longo de toda a infância da criança, a mãe, sem esperar a retribuição das graças com que o rodeia, não se coibirá de amar o seu filho!

O que Plutarco vem provar é que, para além do sofrimento, natural, a *physis* dotou as mulheres da capacidade de amar de forma absolutamente desinteressada, dando também desse modo mostras daquilo que costuma designar-se por *instinto maternal*.

Texto

Ἐπὶ τοὺς παλαιοὺς ἀνάγαγε τὸν λόγον, ὧν ταῖς μὲν τεκεῖν πρῶταις, τοῖς δ' ἰδεῖν συνέβη τικτόμενον βρέφος οὔτε νόμος ἦν ἐκείνοις τεκνοτροφεῖν προστάτων οὔτε προσδοκία χάριτος ἢ τροφείων “ἐπὶ νέοις δανειζομένων”. Χαλεπὰς δὲ μᾶλλον εἶπομ' ἂν

εἶναι καὶ μνησικάκους τὰς τεκούσας τοῖς βρέφεσι, κινδύνων τε
μεγάλων καὶ πόνων αὐταῖς γινομένων

ὡς δ' ὅταν ὠδίνουσαν ἔχη βέλος ὄξυ γυναικά,

δοιμύ, τὸ τε προιάσι¹ μογοστόκοι Εἰλείθυια,

Ἥρης θυγατέρες, πικρὰς ὠδῖνας ἔχουσαι

ταῦτ' οὐχ Ὅμηρον² αἱ γυναῖκες ἀλλ' Ὀμηρίδα γράψαι λέγουσι
τεκούσαν ἢ τίκτουσαν ἔτι καὶ τὸ νύγμα τῆς ἀλγηδόνης ὁμοῦ πικρὸν
καὶ ὄξυ γινόμενον ἐν τοῖς σπλάγχνοις ἔχουσιν. Ἀλλὰ τὸ φύσει
φιλόστοργον ἔκαμπτε καὶ ἦγεν ἔτι θερμὴ καὶ διαλγῆς καὶ
κραδαινομένη τοῖς πόνους οὐχ ὑπερέβη τὸ νήπιον οὐδ' ἔφυγεν, ἀλλ'
ἐπεστράφη καὶ προσεμεδίασε καὶ ἀνείλετο καὶ ἠσπάσατο, μηδὲν ἠδὺ
καρπουμένη μηδὲ χρήσιμον ἀλλ' ἐπιπόνως καὶ ταλαιπώρως
ἀναδεχομένη, τῶν σαργάνων

ἔρειπίους

θάλπουσα καὶ ψήχουσα, καὶ πόνῳ πόνον

ἐκ νυκτὸς ἀλλάσσοι τὸν μεθ' ἡμέραν³.

(*De amore proles*, 496 C-E)

1. Aspectos morfológicos a destacar:

substantivos:

– tema em vogal -ο:

– neutro: τροφείον, -ου; σπλάγχον, -ου; φιλόστοργον, -ου;
σπάργανον, -ου; ἐρείπιον, -ου.

– tema em -σ:

– neutro: βρέφος, -ους; βέλος, -ους.

adjectivos:

– tríformes de tema em vogal: ὄξύς, -εία, -ύ; δοιμύς, -εία, -ύ;
ἠδύς, εἶα, -ύ;

– biformes de tema em -σ: διαλγῆς, -ές.

advérbios no grau normal: ἐπιπόνως, ταλαιπώρως.

¹ 3ª pessoa do plural do Presente do Indicativo do verbo composto de ἵμι.

² Citação de *Ilíada* 11, 269-271.

³ Citação da peça fragmentada *Níobe*.

flexão verbal:

- aoristo radical temático no modo indicativo: ἀνάγαγε (= ἀνήγαγε);
- aoristo radical temático no modo infinitivo: τεκείν, ιδείν;
- aoristo radical atemático no modo indicativo: συνέβη, ὑπερέβη.

2. Conteúdos sintácticos mais relevantes:

- substantivação de adjectivo: τοὺς παλαιοὺς, ταῖς πρώταις, τὰς τεκούσας, τὸ νήπιον;
- orações subordinadas:
 - participiais de valor circunstancial:
 1. Temporal: τικτόμενον (βρέφος); ὠδίνουσαν (γυναίκα); (Εἰλείθυσια) ἔχουσαι; κραιδαινομένη; καρπουμένη; ἀναδεχομένη; θάλπουσα καὶ ψήχουσα, καὶ ... ἀλλάσσουσα.
 2. Temporal-causal: (Ὀμηρίδα) τεκούσαν ἢ τίκτουσαν ... καὶ ... ἔχουσαν.
 3. Genitivo Absoluto: κινδύνων ... καὶ πόνων ... γινομένων.
 - participiais de valor relativo: (τροφείων) δανειζομένων; (τὸ νύγμα) γινόμενον.
 - infinitivas: dependentes de verbos declarativos (λέγουσι, εἴποιμι):
 - Χαλεπὰς ... εἶναι καὶ μνησικάκους τὰς τεκούσας τοῖς βρέφεσι;
 - ταῦτ' οὐχ Ὅμηρον ... ἀλλ' Ὀμηρίδα γράψαι ... τεκούσαν ἢ τίκτουσαν ἔτι καὶ ... ἔχουσαν.

3. Proposta de tradução:

Levemos a questão até aos Antigos – às primeiras mulheres a dar à luz e aos homens a quem cabia assistir ao nascimento dos bebés. Não havia nenhuma lei que os obrigasse a criar os filhos, nem nenhuma expectativa de agradecimento ou de compensação pelos serviços a eles prestados na infância. Eu diria antes que, devido aos grandes perigos e penas por que passaram, essas mães seriam, sim, particularmente hostis e rancorosas com os seus bebés.

*Tal como o dardo afiado atinge a parturiente –
dardo penetrante enviado pelas Ilítias, deusas do parto,*

filhas de Hera e senhoras de dores amargas – 4

Estes versos, afirmam-no as mulheres, não foi Homero que os escreveu, mas uma Homerida⁵, depois de dar à luz ou quando ainda estava em trabalho de parto e suportava os apertos das dores do ventre, agudas e lancinantes. Todavia, o natural amor aos filhos comove e impele a mãe: ainda quente, em pleno sofrimento e a tremer de dores, não descarta o recém-nascido nem o evita; volta-se, sim, para ele, sorri-lhe, pega-o e beija-o – não por estar a usufruir de um prazer ou de um benefício, mas, ao recebê-lo com dor e sofrimento, é com os paninhos dos cueiros que o aquece e acaricia, alternando assim o padecimento da noite com o do dia.

CARMEN SOARES

⁴ Usamos a tradução de Frederico Lourenço (*Homero. Ilíada*. Livros Cotovia. Lisboa 2005, vv. 269-271, p. 226).

⁵ O emprego que Plutarco faz do antropónimo Homerida não é aquele que lhe davam os Antigos, ou seja, o de nome atribuído a um grupo de homens, que, tal como Homero, eram também aedos.